

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Faculdade de Letras de Lisboa

1



EDICÖES  
COSMOS

天竺國在東海之南  
其地多珍寶  
其地多珍寶  
其地多珍寶

a visita aos museus e monumentos do Kremlin, no dia 10 a visita a Kusko-vo, no dia 11 um passeio fluvial no rio Moscovo e no dia 12 uma excursão a Zagorsk e Radonej. Nos dias 13 e 14 o programa continuou, para aqueles que o desejaram, com a visita a Leninegrado, merecendo destaque o Museu do Ermitage e a sua colecção egípcia.

No dia 12 foram os conferencistas obsequiados com uma recepção oferecida no Museu Puchkin de Belas-Artes de Moscovo, após o que se seguiu a abertura de uma exposição temporária de tecidos coptas, evento que proporcionou uma razoável visão dos tempos do Egipto cristão (época copto-bizantina e primeira fase da ocupação islâmica), manifestando-se, uma vez mais, a falta de verbas, o que impediu a elaboração de um catálogo das peças expostas.

Concluir-se-á com a ideia de que a conferência de Moscovo foi uma excelente oportunidade para um enriquecedor encontro dos egiptólogos ligados a museus e colecções de antiguidades egípcias, lamentando-se apenas o facto de não estar presente nenhum representante do maior museu que exhibe peças da civilização faraónica, o Museu Egípcio do Cairo, situação que já ocorrera na conferência de Budapeste em 1990.

*L.M.A.*

## **VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE EGIPTOLOGIA Turim, 1-8 de Setembro de 1991**

Mil e quatrocentos especialistas e estudiosos de Egiptologia dos quatro cantos do mundo (até das longínquas América do Sul, China e Mongólia) convergiram por uma semana na capital do Piemonte. Atraía-os o fascínio do antigo Egipto e o desejo de aprofundar as multimodas facetas da sua brilhante civilização. E encontraram o que pretendiam no convívio aprazível da policroma comunidade científica internacional — estudantes tímidos ou ousados nos primeiros passos pela floresta hieroglífica, egiptólogos progredientes em sólida investigação, especialistas de nome feito e consagrado. A todos protegia a sombra tutelar do fundador da moderna Egiptologia (J.F. Champollion esteve em Turim) e do segundo maior Museu Egípcio do mundo, glória imorredeira dos Sabóias.

\*\*\*

Passado o primeiro dia (01.09) com chegadas e inscrições, o Congresso teve a sua inauguração formal com a sessão solene de 2 de Setembro no Círculo Oval do restaurado Teatro Régio. Após um «aperitivo» de música de câmara, o Presidente do Congresso, Prof. Sílvio Curto, deu as boas-vindas

aos participantes. Seguiram-se, no uso da palavra, personalidades de relevo na vida política e cultural da cidade (presidente da Câmara de Turim, reitor do Instituto Politécnico de Turim, reitor da Universidade de Turim), do distrito (governador civil) e da região transalpina (presidente do Conselho Regional e presidente da Junta Regional do Piemonte). Foi agradável ouvir o elogio da cultura antiga da boca de políticos, nomeadamente na intervenção do jovem governador civil que, citando Braudel e as suas investigações sobre o Mediterrâneo, augurou para a Europa a harmonia enriquecedora das duas periferias — a mediterrânica e a nórdica — e frisou que acontecimentos culturais do género do que agora se inaugurava são bom travão para o apregoado declínio de uma cidade industrial como Turim.

Os trabalhos começaram pela tarde, após o beberete oferecido pela firma Martini & Rossi. Na primeira sessão plenária foram pequenos os três grandes auditórios (dois deles servidos por circuito interno de televisão) do Instituto Politécnico de Turim, onde decorreu toda a actividade científica do Congresso. Abria-se com uma espécie de balanço geral da actividade arqueológica em solo egípcio. Depois de J. Leclant ter afluído as actividades arqueológicas no Egipto, apresentaram-se os resultados da exploração empreendida por quatro instituições de outras tantas nacionalidades: Egyptian Archaeological Organization (M.I. Bakr), Institut Français d'Archéologie Orientale (N. Grima), Deutsches Archäologisches Institut (R. Stadelmann), Egyptian Exploration Society (G.T. Martin).

Impossível dar uma ideia das cerca de trezentas comunicações distribuídas por vinte e seis epígrafes, da Pré-história à História e ao Egipto Greco-Romano, da Arqueologia e Arqueologia de Campo à Cerâmica, da Filologia à Linguística, da Lexicografia aos mais especializados Estudos Demóticos, Estudos Meroíticos e Estudos Coptas, da Religião à Arquitectura, da História da Arte à História das Ciências, da Antropologia Física à Informática, da Literatura à Lei e Administração, da Difusão Cultural ao Estudo da Antiguidade, da História da Egiptologia à Museologia e ao Restauro.

Foi estimulante participar nas sessões plenárias dedicadas à História na manhã de 3 de Setembro: M. Bietak — «Some Thoughts about Expanding Historical Research about Ancient Egypt»; J. Vercoutter — «La fin de l'Ancien Empire: un réexamen»; W. Heick sobre uma misteriosa personagem feminina dos reinados de Amenófis IV e Tutankhamon; D. Redford — «The reign of Taharqa. Revival and Disaster». J. Vercoutter, lido por J. Leclant em virtude de acidente de última hora que o obrigou a regressar à pátria, salientou, entre outras coisas, as chegadas dos colegas alemães para a dinastia 0 e a assunção de reinados contemporâneos nas últimas dinastias (vn-viii) do Império Antigo para congraçar os dados da cronologia.

Inclinação natural e investigação própria sobre literatura e ideia de história no antigo Egipto predispunham-me para seguir com redobrado interesse a sessão plenária do dia 4, dedicada à Filologia e Literatura. Os nomes de P. Vernus, de P. Posener-Krieger e de M. Lichtheim diziam-me bastante — os primeiros do convívio egiptológico do Cairo (Outubro-Novembro de 1988), o último da versão dos textos literários egípcios e dos estudos sobre as obras

e correntes sapienciais do Egipto faraónico. P. Vernus — «L'idéologie pharaonique face à l'individualité historique (littérature, autobiographie, documents royaux)» — contrapôs a visão sistemática e arquetipa da história, quase uma festa celebrada pelo rei-deus («Geschichte als Fest», na reconhecida aceção de E. Hornung) com as acções individuais (como as que diziam superar o que se tinha feito até então) que tendiam a rectificar os estereótipos generalizadores e a repetição arquetipa no sentido da nossa concepção de historia. M. Lichtheim debruçou-se sobre os tons sapienciais das autobiografias e perguntou pela raiz última da capacidade de distinguir entre o bem e o mal. Esse dom do coração parece radicar em predisposição inata, recebida do ventre materno.

Da sessão plenária de 6 de Setembro seja-me lícito salientar três comunicações. R. Tefnin — «Statuaire royale de la 12e dynastie: la cohérence des signes» — fez uma leitura semiótica da escultura do Império Médio, aproximando-a do que G. Posener apelidou de literatura política. O exagero das orelhas régias vinca o cuidado permanente de ouvir os súbditos. O ar cansado das faces envelhecidas denuncia as preocupações do bom pastor pelo seu rebanho. É arriscado e redutor falar em propaganda, sugeriu um dos ouvintes na discussão do tema, até porque só um limitado número de pessoas via as estátuas nos templos. Contrapôs o conferencista que realmente não sabemos em que medida o público tinha acesso às estátuas, mas não se pode duvidar de que havia um público, como para as obras literárias. A. Mekhitarian — «Le sauvetage des tombes thébaines» — denunciou veementemente as depredações que se continuam a fazer na mais famosa pinacoteca do mundo — o conjunto de necrópoles tebanas do Império Novo. As receitas do turismo são indispensáveis ao Estado egípcio, mas as consequências nefastas da exposição das pinturas à respiração e à luz artificial e o risco de saque praticado por comerciantes sem escrúpulos levou uma congressista egípcia a clamar em plena sala contra o dinheiro envenenado das divisas. Sugeriu-se a intervenção da UNESCO, a reprodução fotográfica em larga escala e até o encerramento dos túmulos. O pior é nenhuma destas medidas ser remédio eficaz contra a depredação. E pensar a gente que cortes de paredes pintadas e roubos descarados de antiguidades egípcias pertenciam à triste história de uma pseudo-arqueologia do século XIX... D. Wildung — «Metamorphosen einer Königin» — passou em revista as transformações que levaram à fase final da cabeça de Tii, a esposa plebeia de Amenófis III. Os mais modernos meios de análise radiológica, incluindo TAC, usados em laboratórios de Berlim permitem acompanhar as várias fases da escultura e desvendar traços ocultos sob a actual peruca.

A última sessão plenária (sábado, 7 de Setembro) foi dedicada à Religião. E. Hornung falou sobre «Szenen des Sonnenlaufes», mostrando em diapositivos e explicando as apresentações e concepções da viagem diurna do astro-rei, o grande Ré dos Egípcios. L. Kákosy tratou dos decretos divinos de um dos Textos Tebanos — «Decrees of Gods from TT 32». H. Te Velde ocupou-se de algumas divindades egípcias e da sua (para nós) estranha iconografia — «Some Egyptian Deities and their Piggishness». J.-C. Goyon chamou

a atenção para novos dados sobre a mumificação — «Données nouvelles sur la momification en Egypte et réflexions impliquées: chirurgie religieuse ou thanatopraxie?» Quem conhece as investigações e as profundas intuições de J. Assmann sobre alguns aspectos da religião egípcia não pôde deixar de lamentar a falta da anunciada comunicação com que devia abrir esta sessão plenária — «The Problem of Personal Piety».

Interesse científico, amizade pessoal e delicadeza institucional ditaram a correria de sala para sala nas sessões paralelas. Na tarde de 4 de Setembro, A. Iskander Sadek chamava a atenção para «Les figurines obscènes populaires dans la Collection égyptienne de Limoges (France)», um tema tratado a nível mais geral e com mais amplas perspectivas por Luís Manuel de Araújo em revistas portuguesas (Revista da Faculdade de Letras, Hathor). Da sessão dedicada à literatura (7 de Setembro) captei as interessantes comunicações de A.N. Dakin — «Kemit: Revised Translation and Re-examination of the Main Cruces» —, H. W. Fischer-Elfert que acabaria por apresentar em inglês «Die Lehre eines Mannes für seinen Sohn. Eine Lehre für den kleinen Mann?» e A. Loprieno — «Middle Kingdom Loyalistic Literature between Topos and Mimesis». Deixando as intrincadas discussões filológicas de Dakin para os egiptólogos avançados, refiro as detectadas semelhanças da Instrução anónima do Império Médio com a de Amenemope (Império Novo tardio), e a justificada interrogação sobre o homem da rua ou funcionário dos escalões mais baixos como destinatário daquela. Segundo Fischer-Elfert, a instrução de um homem para seu filho não se destinaria a desfavorecidos sociais ou a classes inferiores, mas a filhos da fidalguia. A. Loprieno brindou-nos com a esperada versatilidade entre a clássica filologia egípcia e as modernas teorias literárias.

Impunha-se acompanhar as intervenções da não despidianda caravana do país vizinho. De recente implantação em terras de Espanha, a investiga-



## Sesto Congresso Internazionale di Egittologia



Torino - Italia  
September 1st - 8th  
1991

ção egiptológica já mostra os seus frutos, sobretudo na escavação arqueológica de Heracleópolis Magna. Do que veio a lume nos três últimos anos de campanha falou a actual directora do estaleiro, Maria Carmen Perez Die — «La Mission Archéologique Espagnole à Héracléopolis Magna. Fouilles 1988-1990». J. Padró escolheu um tema particular — «Le tombeau de Séhou à Héracléopolis» — e P. Quesada Sanz com M.J. López Grande achados cerâmicos do III Período Intermediário — «Two Third Intermediate Period Pottery Deposits at Herakleopolis Magna». Mas Heracleópolis não esgota a investigação egiptológica do país vizinho, donde veio M. A. Garcia Martinez com uma comunicação sobre objectos egipcianizantes da Península Ibérica pré-romana — «Egyptianizing Preroman Documents from Iberian Peninsula Slopes».

Especial carinho merecia-nos obviamente a participação brasileira reduzida a um elemento — a jovem docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, já minha conhecida do II Congresso Brasileiro de Estudos Clássicos (São Paulo 1990). De formação egiptológica inglesa (com G.T. Martin, em Londres) Margaret Bakos contou como pretende angariar discípulos brasileiros para um domínio tão árido como a Egiptologia. Vinho e cerveja interpelam o estudante moderno, como já aliciavam o antigo Egípcio. Foi 0 que nos mostrou agora — «The Significance of Wine Drinking in Love and Daily Life in Ancient Egypt».

Faltando por razões de última hora Luís Manuel de Araújo, do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa (Faculdade de Letras), a delegação portuguesa viu-se reduzida a três elementos — Maria Helena Trindade Lopes, assistente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Elsa Cristina Correia Rego, mestranda de Civilizações Orientais da mesma Faculdade, e José Nunes Carreira, director do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa — com duas comunicações. Na tarde de quarta-feira, 4 de Setembro, José Nunes Carreira falou na sessão dedicada à Difusão Cultural sobre «Hermopolitan Traditions in Philo Byblius' *Phoenician History*». Na tarde de sexta-feira, M. H. Trindade Lopes apresentou, numa sessão de Museologia, a comunicação em que era co-autora com Luís Manuel de Araújo — «La collection égyptienne du roi D. Luís» (do Paço Ducal de Vila Viçosa).

Três eventos sociais amenizaram o labor científico: a excursão na tarde de quinta-feira (os portugueses escolhemos o palácio de Stupigini, estância de veraneio e caça dos Sabóias e última residência da rainha D. Maria Pia de Portugal), o jantar de gala nos jardins do Palácio Real (quinta-feira) e a recepção oferecida pela Comissão Organizadora sábado à noite.

Os «rari nantes» lusitanos que se perdiam no mar vasto do Congresso não deram por mal empregado o tempo, a cansa e o ataque à bolsa. Por mim, louvo a clarividência e agradeço o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian e registo com mágoa a falta de verba e de apoio do INIC, que limitou e agravou a participação portuguesa nesta importante reunião científica internacional.

J.N.C.